

## QUANDO A NÉVOA DA GUERRA COMEÇA A SE DISSIPAR

Por *Éric Denécé\**



*O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken (dir.) e o secretário de Defesa, Lloyd Austin (esq.) com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky (Assessoria de Imprensa Presidencial Ucrâniana/AP).*

*É difícil analisar guerras em tempo real, pois muitas informações levam tempo para vir à tona; passado um ano da guerra na Ucrânia, a revelação de alguns fatos dá sentido a decisões cuja lógica não era clara até então.*

**N**o final de julho de 2022, durante uma análise dedicada à manipulação de informações em tempo de guerra<sup>1</sup>, eu disse que era difícil analisar com muito refinamento o que esperar do conflito em curso na Ucrânia, as verdadeiras causas que o desencadearam e identificar com precisão os autores de crimes de guerra, porque sei por experiência, como ex-analista de inteligência, que os fatos relatados pela mídia e pela maioria dos observadores em tempo real são sempre parciais, aproximados ou tendenciosos, que os vários beligerantes competem entre si na desinformação e que as verdadeiras explicações só aparecem mais tarde, no final do conflito – ou às vezes nunca!

Temos um quadro disso hoje, porque fatos novos – isto é, eventos que eram “invisíveis” em tempo real pelos analistas, senão por alguns dos beligerantes – são gradualmente trazidos à nossa atenção, um ano após o início do este lamentável conflito. Obviamente, é necessário ter cuidado mesmo que as fontes sejam críveis e em parte já verificadas. No entanto, essas revelações parecem suficientemente bem fundamentadas para que possamos levá-las em consideração. A partir delas,

<sup>1</sup> <https://dialoguefrancorusse.com/medias/guerre-en-ukraine-information-et-realite-avec-eric-denece-et-pierre-conesa/>

portanto, é possível fazer uma nova leitura dos acontecimentos e dar sentido a fatos e decisões cuja lógica não entendíamos até então.

Duas revelações recentes que mudaram o jogo são:

- As declarações concordantes do ex-primeiro-ministro israelense Naftali Bennett, do economista americano Jeffrey Sachs<sup>2</sup> e de mediadores turcos<sup>3</sup>, segundo as quais o governo ucraniano estava muito próximo, no final de março de 2022, de assinar um acordo com a Rússia para acabar com o conflito;
- O artigo de Seymour Hersh descrevendo como os Estados Unidos procederam à operação de sabotagem dos gasodutos Nord Stream 1 e 2 e as conclusões de um procurador alemão encarregado da investigação.

## A RUPTURA DAS NEGOCIAÇÕES

As negociações foram iniciadas em março de 2022, poucos dias após o lançamento da ofensiva russa na Ucrânia, por iniciativa de Israel. Em uma longa entrevista ao *Canal 12* em 4 de fevereiro de 2023<sup>4</sup>, o ex-primeiro-ministro do Estado hebreu, Naftali Bennett<sup>5</sup>, revelou muitos detalhes dos bastidores dessa mediação.

Ele explicou que Moscou e Kiev estavam então dispostos a fazer concessões importantes e que uma trégua parecia possível: “Afirmo que havia uma boa chance de chegar a um cessar-fogo”, explicou, acrescentando que Putin concordou em retirar as exigências de “desnazificação” e desarmamento da Ucrânia, enquanto Zelensky concordou em não mais buscar a adesão da Ucrânia à OTAN. Além disso, durante seu encontro com Vladimir Putin, Bennett perguntou a ele: “Você está planejando assassinar Zelensky?”, e o chefe de Estado russo então prometeu a ele que não eliminaria seu homólogo ucraniano.

“Tudo o que eu fiz foi coordenado com os Estados Unidos, a Alemanha e a França”, explicou o ex-chefe do governo israelense. Antes de dar esse passo, ele havia de fato contatado Joe Biden, seu secretário de Estado Antony Blinken, seu conselheiro de segurança nacional Jake Sullivan, bem como o chanceler alemão, Olaf Scholz, para oferecer-lhes um “canal de comunicação” entre Putin e Zelensky. Bennett acrescenta que a mediação de Israel “foi coordenada em grande detalhe com os Estados Unidos, a França e a Alemanha”, que finalmente tomaram as decisões finais. De fato, ele afirma que as negociações foram interrompidas por países ocidentais que “bloquearam” o processo, embora Bennett tivesse “a impressão de que ambos [Zelensky e Putin] queriam um cessar-fogo”.

---

<sup>2</sup> Consultor Especial do Secretário Geral da ONU, Antonio Guterres; ele figurou várias vezes na lista de pessoas mais influentes do mundo da revista *Time*.

<sup>3</sup> <https://www.middleeasteye.net/fr/actu-et-enquetes/ukraine-turquie-israel-russie-guerre-efforts-diplomatie-mediation-negociations>

<sup>4</sup> <https://www.i24news.tv/fr/actu/conflit-en-ukraine/1675587804-je-ne-tuerai-pas-zelenski-avait-promis-vladimir-poutine-a-naftali-bennett>

<sup>5</sup> Como vários de seus predecessores nesta posição, Naftali Bennett é um ex-oficial das forças especiais, tendo servido sucessivamente nos *Sayeret Matkal* e *Maglan*.

Estas revelações são particularmente importantes e nos permitem compreender que Zelensky nada decidiu, que aceitou que suas decisões fossem ditadas pelo Ocidente, e que foi este último que se recusou a assinar um cessar-fogo. O único problema, Bennett parece dar à França e à Alemanha uma importância que não temos certeza de que tiveram no conflito<sup>6</sup>, cujo ímpeto e direção pertencem aos americanos.

Os britânicos também estavam, é claro, envolvidos nessa decisão. Segundo o ex-primeiro-ministro de Israel, “Boris Johnson defendeu medidas mais drásticas. Macron e Scholz são mais pragmáticos. E Biden apoiou ambas as abordagens. No final, ele observa que eles escolheram a posição mais radical, ou seja, a dos britânicos<sup>7</sup>.”

Assim, não houve saída devido à “decisão do Ocidente de continuar batendo em Putin”, de não negociar e de enviar uma mensagem a outros Estados “párias” ao redor do mundo, inclusive a China devido a suas intenções em relação a Taiwan, disse Bennett.

Israel não foi o único Estado a tentar a mediação entre as duas partes, a Turquia também investiu na manutenção do diálogo entre Moscou e Kiev. E depois de um início difícil de conversações<sup>8</sup>, também parece que as negociações não estavam longe de ser bem-sucedidas.

Em 20 de março, o chanceler turco, Mevlut Cavusoglu, garante que a Rússia e a Ucrânia estavam “próximas de um acordo” e Ibrahim Kalin, porta-voz da presidência turca, declara em entrevista ao jornal *Hurriyet* que as duas partes estavam negociando em seis pontos: neutralidade da Ucrânia, desarmamento e garantias de segurança, “desnazificação”, remoção de obstáculos ao uso da língua russa na Ucrânia, *status* da região separatista de Donbass e *status* da Crimeia<sup>9</sup>.

Em 29 de março, as delegações russa e ucraniana se reuniram em Istambul para uma nova rodada de negociações<sup>10</sup>. O Kremlin qualifica então as conversações como “significativas” entre os dois países<sup>11</sup>. Nesse mesmo dia, o vice-ministro da Defesa russo, Alexander Fomin, anuncia oficialmente a retirada, a partir de 1º de abril, das forças russas da região de Kiev e do norte da Ucrânia. Moscou apresenta essa retirada como sinal de boa vontade no contexto das negociações com Kiev.

---

<sup>6</sup> Com efeito, desde as declarações de Angela Merkel (dezembro de 2022) corroboradas por François Hollande, sabemos que os europeus, a pedido de Washington, nunca quiseram ver aplicados os acordos de Minsk que assinaram em junho de 2014.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=qK9tLDeWBzs>

<sup>8</sup> <https://ici.radio-canada.ca/nouvelle/1867918/ guerre-ukraine-rencontre-diplomatique-turquie-negociations>

<sup>9</sup> <https://www.lefigaro.fr/flash-actu/pourparlers-la-turquie-assure-que-la-russie-et-l-ukraine-sont-proches-d-un-accord-20220320>

<sup>10</sup> <https://www.lavoixdunord.fr/1159206/article/2022-03-29/direct-ukraine-nouveau-round-de-negociations-istanbul-entre-moscou-et-kiev>; <https://www.leparisien.fr/international/negociations-entre-lukraine-et-la-russie-un-premier-pas-diplomatique-mais-29-03-2022-LPQFQOSECJEXHK4M6SLU25AJ2I.php>; <https://www.leprogres.fr/defense-guerre-conflit/2022/03/29/guerre-en-ukraine-la-nouvelle-session-de-pourparlers-devrait-debuter-a-istanbul>

<sup>11</sup> <https://information.tv5monde.com/info/negociations-entre-l-ukraine-et-la-russie-moscou-souffle-le-chaud-et-le-froid-450818>

Também em 29 de março, Zelensky reconhece ter visto sinais “positivos” nas negociações russo-ucranianas na Turquia, mas declara que seu país não tinha intenção de relaxar os esforços militares<sup>12</sup>.

Em 30 de março, apesar das reservas do campo ocidental, o principal negociador ucraniano considera que as condições agora eram “suficientes” para uma reunião de cúpula entre Putin e Zelensky<sup>13</sup>. A Ucrânia disse estar pronta para adotar um *status* neutro em troca de garantias sobre sua segurança, uma proposta aparentemente bem-vinda por Moscou, que confirma reduzir sua atividade militar em torno de Kiev. Mas à noite tudo muda: o porta-voz da presidência russa, Dmitri Peskov, considera que as negociações não tinham resultado em “nenhum progresso”<sup>14</sup>, sem que se soubesse em qual dos campos se originava o impasse.

Jeffrey Sachs<sup>15</sup> revelou recentemente o papel essencial de Biden e da pequena célula de neoconservadores em volta dele – principalmente Victoria Nuland (subsecretária de Estado para assuntos políticos), Jake Sullivan (conselheiro de segurança nacional) e Antony Blinken (secretário de Estado) – nesta decisão, que tem consequências de longo alcance para o povo ucraniano. Ele afirma que os russos e os ucranianos estavam na sétima ou oitava versão de um documento final a ser assinado pelas duas partes quando as negociações foram repentinamente interrompidas por uma reversão de Zelensky.

Segundo Sachs, é a visita de Biden à Europa a partir de 23 de março – para participar de três cúpulas internacionais: na OTAN, no G7 e na União Europeia –, depois à Polônia no dia 26<sup>16</sup>, que dobra os sinos de morte das negociações e explica a mudança de posição de Zelensky. De Varsóvia, o presidente americano mostrou-se particularmente intransigente em relação a Moscou e desferiu violentos ataques verbais contra Putin<sup>17</sup>, chamando-o de “açougueiro”, declarando que “não pode permanecer no poder” e reiterando seu apoio inabalável à Ucrânia<sup>18</sup>.

Os russos teriam então entendido que os ocidentais não permitiriam que eles tirassem proveito de uma vitória quase conquistada e que teriam que enfrentar uma longa guerra, que provavelmente não estava em seus planos iniciais. Foi por isso que tomaram a decisão de retirar suas forças do norte da Ucrânia e redistribuí-las no Donbass, ou foi realmente um gesto de boa vontade com Kiev no âmbito das negociações? Não se sabe. O fato é que depois que as negociações sob os auspícios israelenses e turcos foram bloqueadas pelo Ocidente, todo o diálogo

---

<sup>12</sup> AFP, 29 de março de 2022.

<sup>13</sup> <https://www.lorientlejour.com/article/1295195/negociations-substantielles-entre-moscou-et-kiev-en-turquie.html>

<sup>14</sup> [https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/30/guerre-en-ukraine-dans-les-negociations-comme-sur-le-terrain-kiev-tente-de-reprendre-la-main\\_6119733\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/30/guerre-en-ukraine-dans-les-negociations-comme-sur-le-terrain-kiev-tente-de-reprendre-la-main_6119733_3210.html)

<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=ySNyAaw4VE>

<sup>16</sup> <https://www.rfi.fr/fr/amériques/20220323-le-président-américain-joe-biden-en-europe-pour-une-série-de-sommets-internationaux>

<sup>17</sup> [https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/26/guerre-en-ukraine-joe-biden-reaffirme-en-pologne-que-l-accord-de-defense-collective-de-l-otan-est-un-devoir-sacre\\_6119294\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2022/03/26/guerre-en-ukraine-joe-biden-reaffirme-en-pologne-que-l-accord-de-defense-collective-de-l-otan-est-un-devoir-sacre_6119294_3210.html)

<sup>18</sup> <https://www.midilibre.fr/2022/03/26/en-visite-en-pologne-joe-biden-qualifie-poutine-de-boucher-et-reitere-son-soutien-indefectible-a-lukraine-10196320.php>

seria definitivamente interrompido quando Kiev acusa Moscou – com ou sem razão – das atrocidades de Bucha<sup>19</sup>.

## SABOTAGEM DOS GASODUTOS

Seymour Hersh é uma referência indiscutível no jornalismo investigativo americano. Vencedor do Prêmio Pulitzer em 1970, as muitas histórias que ele revelou ao longo de sua carreira – desde o massacre de My Lai em 1968 até a forma real como ocorreu a eliminação de Bin Laden e os verdadeiros motivos da guerra na Síria<sup>20</sup> – fazem dele um homem imensamente respeitado na mídia e nos círculos políticos do outro lado do Atlântico. Seu ponto forte é ter fontes de alta qualidade – atores envolvidos no centro dos conflitos ou próximos dos centros de decisão – e seus artigos são sempre muito sérios e bem fundamentados. Este experiente jornalista nunca se entregou a adivinhações gratuitas. O artigo que ele publicou recentemente merece, portanto, toda a nossa atenção<sup>21</sup>.

Hersh descreve com precisão a operação projetada e conduzida pela CIA, com a ajuda da Noruega<sup>22</sup>, para sabotar os gasodutos Nord Stream 1 e 2. Em junho de 2022, durante um exercício naval da OTAN no Mar Báltico, mergulhadores noruegueses instalaram explosivos nos gasodutos e equiparam-nos com um dispositivo de ignição remota. É um avião de patrulha marítima norueguês que vai provocar a explosão, três meses depois, a 26 de setembro, ao largar uma sonobóia. Seymour Hersh diz que a decisão de sabotar os gasodutos, um ato de guerra, foi tomada em segredo pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, e sua comitiva sem informar o Congresso, a fim de evitar que Moscou ganhasse bilhões de dólares com as vendas de gás natural para a Europa.

Evidentemente, as autoridades americanas acusaram o artigo de Seymour Hersh. A porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Adrienne Watson, chamou-o de “ficção completa” e o da CIA de “completa e totalmente falso”. Por sua vez, o Ministério das Relações Exteriores da Noruega disse: “Essas alegações são falsas”. Logicamente, a reação das autoridades americanas e norueguesas só poderia ser de negação<sup>23</sup>. Mas é pouco convincente porque as informações fornecidas pelo jornalista em seu artigo são particularmente precisas e plausíveis, e é difícil ver quem, além de Washington, teria interesse nessa sabotagem, especialmente

---

<sup>19</sup> Apesar das afirmações peremptórias de muitos meios de comunicação, os resultados das investigações internacionais – nas quais participaram os gendarmes do Institut de Recherche Criminelle de la Gendarmerie Nationale (IRCGN) – sobre a identificação dos autores desses horríveis crimes de guerra ainda não foram tornados públicos.

<sup>20</sup> *The Killing of Osama Bin Laden*, Verso, 2016.

<sup>21</sup> <https://velhogeneral.com.br/2023/02/09/como-os-eua-derrubaram-o-gasoduto-nord-stream/>

<sup>22</sup> Lembremos que o atual secretário-geral da OTAN é Jens Stoltenberg, ex-primeiro-ministro norueguês, e que Oslo é o principal concorrente da Rússia no mercado de gás na Europa.

<sup>23</sup> Sem surpresa, Hersh foi imediatamente chamado de “teórico da conspiração” em seu verbete da Wikipédia.

porque um promotor alemão acaba de confirmar que não havia provas contra a Rússia neste caso<sup>24</sup>.

## NOVA LUZ NOS EVENTOS

Se, como acreditamos, essa informação for verdadeira, ela lança uma nova luz sobre os acontecimentos passados e as respectivas responsabilidades dos atores envolvidos no conflito. Portanto, formulamos as seguintes hipóteses que devem ser confirmadas ou invalidadas:

- A “operação especial” russa inicialmente atingiu seu objetivo: derrubar o regime de Kiev. Apesar dos reveses militares localizados e das perdas não desprezíveis, torna-se possível considerar que foi um sucesso durante as primeiras cinco semanas do conflito, pois obrigou os ucranianos a negociações imediatas e próximas de uma conclusão. Isso coloca em questão as análises de muitos especialistas e meios de comunicação ocidentais que a qualificaram precipitadamente como fracasso, ou aqueles que tentaram fazer crer – como a Polônia – que era uma invasão da Ucrânia... um prelúdio da invasão da Europa!

Tudo se inverte durante a viagem de Biden à Europa no final de março de 2022. Os ocidentais – ou seja, americanos e britânicos – pressionam Zelensky a continuar uma guerra que poderia ter terminado rapidamente, reconhecidamente nas condições russas, que então se limitavam à neutralidade da Ucrânia, do Donbass e da Crimeia (até então Kharkov, Kherson ou Zaporizhya não estavam em questão; essas novas demandas de Moscou foram formuladas após a reversão ucraniana).

- Isso demonstra indiscutivelmente que os Estados Unidos são realmente os responsáveis pela continuidade da guerra com a cumplicidade do governo Zelensky, que é apenas um peão em sua estratégia. O “herói” de Kiev, apoiado pela ala ultranacionalista do regime, não hesitou em sacrificar seu próprio povo e o futuro do seu país para agradar seus mentores ocidentais.

Assim, desde abril de 2022, assistimos de fato a uma guerra americano-russa por *proxies* ucranianos que foi relançada por Washington para tentar enfraquecer – sem sucesso – a Rússia, e na qual os Estados europeus se deixaram levar por russofobia, subserviência ou estupidez desconcertante.

- Este é um novo quadro da insignificância dos europeus e sua total submissão a Washington em detrimento de seus próprios interesses. Se a França se vê relegada a um papel de figurante nesta crise, apesar das patéticas gesticulações do seu presidente, é sobretudo a Alemanha que paga o preço mais alto do conflito. Com efeito, foi vítima de um verdadeiro ato de guerra por parte do seu aliado e protetor americano com a sabotagem dos gasodutos. Mas, apesar da operação ter tido consequências desastrosas para a economia do outro lado do Reno, nem o governo de Berlim, nem os parlamentares, a mídia ou a população vacilaram, literalmente deitando-se perante Washington, que assim atinge um de seus objetivos: isolar

---

<sup>24</sup> <https://www.franceseoir.fr/politique-monde/aucune-preuve-ne-lie-la-russie-au-sabotage-des-gazoducs-nord-stream-selon-le>

definitivamente a Alemanha da Rússia ao provocar uma ruptura irreconciliável entre os dois Estados; e reduzir a crescente influência de Berlim na Europa e seu peso econômico no campo ocidental.

Isso muda muitas coisas em termos de nossa percepção desse conflito e das responsabilidades dos atores. Traz à tona a dupla dimensão da armadilha maquiavélica armada pelos neoconservadores americanos:

- Tornar insuportável a pressão sobre o Donbass para a Rússia, a fim de pressioná-la a intervir militarmente na Ucrânia<sup>25</sup>, desacreditá-la internacionalmente e isolá-la da Europa Ocidental;
- Não permitir que a Rússia alcançasse uma vitória após os sucessos iniciais e arrastá-la para uma longa guerra para enfraquecê-la permanentemente.

Ao recusar uma saída negociada do conflito em favor de Moscou em março de 2022, os americanos prolongaram e agravaram o conflito. No entanto, isso evoluiu em uma direção que eles não previam, pois apostavam em um colapso econômico da Rússia. Mas isso não aconteceu, assim como a derrota do exército russo no terreno ou o banimento unânime de Moscou pela comunidade internacional. Pior ainda, um novo sistema econômico e financeiro está sendo implantado e ameaça a hegemonia política e monetária de Washington.

Mais uma vez, os americanos se mostram péssimos estrategistas e verdadeiros aprendizes de feiticeiros. Sua estratégia de enfraquecer a Rússia se transformou em uma guerra existencial para manter seu domínio sobre o mundo. A armadilha que montaram pode muito bem estar se aproximando deles.

Publicado no [Cf2R](#).

---

*\*Éric Denécé é cientista político, diretor do Centro Francês de Pesquisa e Informação e professor associado na universidade Bordeaux IV-Montesquieu em Bordeaux, na França. Ao longo de sua carreira, foi analista de informação e consultor do Ministério da Defesa francês atuando em projetos sobre o futuro das forças especiais.*

---

---

<sup>25</sup> Eric Denécé, "Ukraine: la guerre des Spin Doctors américains", editorial n° 58, fevereiro de 2022, (<https://cf2r.org/editorial/ukraine-la-guerre-des-spin-doctors-americains/>).